

GT76: Sujeito e religiosidade: práticas, representações e experiências

Bruno Bartel, Edilson Márcio A. Silva

No início do século XIX, Hegel inovou ao postular que toda consciência resulta de um processo de formação histórico-cultural, posição também assumida por Marx que, juntamente com Freud e Nietzsche, viria a assumir indelével influência na obra de Foucault. Uma das mais renomadas referências no debate acerca das relações entre o sujeito e o poder, o filósofo francês notabilizou-se ao elaborar uma perspectiva teórica invulgar na qual a noção de insubmissão da liberdade ocupa um lugar privilegiado. Partindo dessa perspectiva - sem, contudo, nos atermos a ela -, interessa-nos refletir sobre a relevância da religiosidade na produção de modos de ser/estar no mundo, enfocando, em especial, as práticas, representações e experiências que orientam as estratégias de luta empregadas por diferentes sujeitos para fazer frente às relações de poder que se lhes impõem nas múltiplas e variadas esferas da vida social. Em linhas gerais, o GT pretende constituir um espaço de diálogo e reflexão em torno de fenômenos como: ações rituais coletivas, controvérsias públicas, modos de engajamento disciplinar, mobilizações políticas etc., cuja análise servirá de subsídio a uma problematização mais ampla do papel desempenhado pela religiosidade na produção da consciência e, por conseguinte, na construção de sujeitos nas sociedades contemporâneas.

Os agentes de 'literacia' no Candomblé: contra o risco de as tradições de conhecimento religioso virem a "tornar-se nada"

Autoria: Tânia de Souza Fernandes

O trabalho apresentado pretende apontar o quanto o protagonismo de determinados personagens que tenho denominado "agentes de literacia" (VIANNA, 1999), organizados num movimento político-religioso (ASAD, 1996), têm contribuído, ao longo das décadas, para a construção e sedimentação das "tradições de conhecimento" (BARTH, 2002) cultivadas pelas Casas de Candomblé, inclusive aquelas que se estabeleceram no Rio de Janeiro e que se consideram ligadas a suas matrizes fundadas na Bahia, Pernambuco e Maranhão. Sujeitos sociais considerados como grandes sábios/sábias sempre desempenharam um papel resguardador e disseminador de conhecimentos absolutamente necessários para a continuidade religiosa do Candomblé (MATORY, 1999; CASTILLO, 2012). Isto foi assim num passado mais ou menos recente, onde a fixação desses saberes para se tornarem acessíveis aos contemporâneos e às gerações futuras tinha como mídias principais a memória dos seres humanos mais idosos e sua oralidade (BARTH, 1995) seja após o advento e proliferação dos suportes e mídias digitais, que têm sido utilizados pelos agentes de literacia da atualidade (FERNANDES, 2020). Em cada contexto e momento histórico estes agentes têm articulado modos de intervenção que carregam intencionalidades específicas junto aos iniciados do Candomblé. A partir de minhas interlocuções de pesquisa com candomblecistas do Rio de Janeiro, entre 2018/2020, argumento que os agentes de literacia com quem tenho dialogado em campo protagonizam um projeto interventor junto ao "povo de santo" que objetiva influenciar os seus "modos de ser", vislumbrando que os iniciados do Candomblé se tornem cada mais capacitados para lutar contra o racismo religioso nas arenas públicas e para conquistar maior respeitabilidade social e espaço de representação política. As transformações pretendidas configuram, segundo os pesquisados, "O Candomblé do futuro". E, desta forma, serem capazes de impedir que suas tradições de conhecimento religioso venham a "tornar-se nada" (BARTH, 1995). Palavras-chave: Candomblé. Movimento político-religioso. Agentes de literacia. Tradições de conhecimento. Mídias.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

